

APRENDIZAGENS TRANSFORMADORAS NA ESCOLA DOS NOSSOS SONHOS: DESAFIOS DIÁRIOS

José Ramos Barbosa da Silva¹

RESUMO

Este artigo traz à luz resultados de um estudo sobre os procedimentos educativos vividos em uma escola situada na zona rural do município de Bananeiras (PB), a Escola Nossa Senhora do Carmo, conhecida como a “Escola dos Nossos Sonhos”. Uma escola comunitária de ensino fundamental, onde os educandos estudam temas de forma coletiva, não separados por anos ou séries, nem se pratica a reprovação. Cenário no qual buscamos respostas às seguintes questões: Por que a Escola é chamada de “a escola dos nossos sonhos”? Por que não se separa os alunos por anos ou séries? Por que é importante a participação de todos os membros que compõem a escola (pais, alunos, professores, funcionários e corpo diretivo) para as decisões fundamentais que regem e norteiam os rumos político-pedagógicos da escola? Quais elementos são determinantes para o sentimento de pertencimento dos que fazem parte desta instituição? Como se dá o processo de ensino-aprendizagem neste estabelecimento de ensino? Um estudo feito à base da etnometodologia, descrita por Alain Coulon como um processo de interpretação que considera o como os indivíduos que vivem interpretam e descrevem a realidade, como ciência dos etnométodos, dos sentidos subjetivos que os sujeitos utilizam na construção de suas ações habituais, do raciocínio sociológico prático de suas diferentes operações. Dessa imersão, concluímos que os sonhos são o combustível da ação educativa, o “inédito viável” pregado por Paulo Freire; que o ato de conhecer fenômenos sociais ou naturais não se atrela especificamente a disciplinas escolares, vão além; que a participação e decisão em todas as ações de todos os sujeitos da escola dão o sentimento de que a escola é um bem comunitário; que a escola necessita romper com o modelo tradicional de ensino, ser inclusiva, valorizar aprendizagens transformadoras, para isso precisa redirecionar o currículo e formas pedagógicas de ensino-aprendizagens.

Palavras-chave: Escola dos Nossos Sonhos; escola comunitária; aprendizagens transformadoras; ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este estudo sobre conhecimentos do processo de ensino-aprendizagem realizado na Escola Nossa Senhora do Carmo, localizada no Sítio Monte Carmelo, Morro da Graça, na zona rural do município de Bananeiras (PB), hoje chamada de a “Escola dos Nossos Sonhos” teve início no ano de 2020, com o projeto PIVIC/UFPB: “A Didática em Movimento: Uma Escola Fundamental Sem Séries, Sem Reprovações, Com Estudantes e Professores Com Voz Ativa”. Tratava-se de um projeto de pesquisa científica que tinha o objetivo de identificar como ocorre o processo de ensino-aprendizagem na Escola Nossa Senhora do Carmo. Como parte dele, se buscava saber quais são os princípios e pilares que orientam a ação dos professores e estudantes neste estabelecimento de ensino fundamental; se há aulas e de como

¹Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, professor da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, barbossa2@hotmail.com

elas são organizadas; como se estabelecem os grupos de estudos de alunos; de qual papel o aluno desempenha em seu processo de ensino-aprendizagem; que lugar sobra ao professor nesse processo de ensino-aprendizagem; por que não se separa estudantes por anos ou séries; e por que a escola é considerada comunitária? Havia muitas questões, que uma vez sanadas nos diria em que terreno de educação nós estávamos pisando. Projeto de estudo que optou por conhecer uma realidade educacional sem, necessariamente, interferir sobre ela. A explicação disso devia-se ao fato de sermos estudiosos de aspectos ligados com a Didática. Somos do Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba. À época, éramos um grupo de quatro professores. E assim procedemos. Fizemos isso pelo viés da pesquisa etnometodológica.

A etnometodologia, numa explicação de Macedo (2006, p.68), “é uma teoria do social que, ao centrar-se no interesse em compreender como a ordem social se realiza mediante as ações cotidianas, consubstanciou-se numa teoria dos etnométodos”. Ou, numa explicação de Coulon (1995, p. 15): “O projeto dessa corrente é analisar os métodos – ou, se quisermos, os procedimentos – que os indivíduos utilizam para levar a termo as diferentes operações que realizam em sua vida cotidiana”. Ou, de modo simples, uma concepção teórica de compreensão de fenômenos sociais. Ou, ainda como esclarecida pelo próprio Coulon (idem): “Trata-se da análise das maneiras habituais de proceder mobilizada pelos atores sociais comuns a fim de realizar suas ações habituais”. Assim, a etnometodologia é a ciência dos procedimentos práticos de pessoas comuns amparadas em raciocínios de múltiplas ligações que se inter cruzam, de modo multirreferencial, cabendo-lhes o marxismo, a fenomenologia, o existencialismo, o interacionismo, numa sustentação complexa, contemporânea às realidades sociais.

Desvelar o cotidiano de uma situação real, por este caminho, exigiu de nós o abandono das amarrações teóricas que nos aprisionavam a paradigmas interpretativos. Tivemos de nos despir dos acoplamentos que tratavam realidades sociais como se estivessem estáticas, ou se decorressem de regras fixas. A etnometodologia concebe a vida social como pensamento e ato, na ligação entre reflexão e ação, ao se “perceber” o fazendo, no movimento da vida social em sua construção, manutenção e modificação. Ela busca acompanhar as pessoas agindo nas situações sociais concretas, em ações sociais ainda não documentadas, vividas em seu currículo da vida real e cotidiana, num mundo não caótico que se organiza em práticas que diariamente produzem a realidade. Fenômeno alertado por Harold Garfinkel (in: COULON, 1995, p.18) que assegura que o homem, qualquer ele, não é um idiota cultural, pois participa na feitura da vida cotidiana num mundo de rotinas, com experiências que não são idênticas,

que visualiza coisas diferentes num mesmo objeto, com olhares que alteram percepções, a depender de pontos de vista. Assim, para a etnometodologia há equivalência entre a visão da sociologia e a visão do homem comum, como capacidade de interpretação, com consequências e implicações nas ações cotidianas. Seguindo essas recomendações, no nosso estudo, todas as considerações registradas passaram a ter importância. As contribuições trazidas pelas ciências sociais se somavam às advindas de pessoas comuns. Concebemo-las como instâncias distintas de percepção que se misturam e interferem nos afazeres e na descrição de realidades sociais. Todos pensam a realidade na qual atuam e ao agir nela transformam-na. A etnometodologia enquanto ação vivida por pesquisadores convive com percepções que vão se formando no pesquisador, fruto de lentes que este possui e que interferem em suas percepções de realidades, somada a interações das ações e explicações dos membros que a vivem. Destarte, ela é um estudo sobre fenômenos sociais contextualizados, com a anexação de sistemas interpretativos dos que dele tomam parte. Numa explicação de Macedo (2006, p.74), “a vida social não é um reflexo pobre de uma situação ideal; compreende as ideias das pessoas e a aplicação que estas fazem delas em situações concretas”. Assim sendo, enquanto vivíamos tal pesquisa, nos interessava a ação dos atores, a explicação por eles fornecida acerca de seus atos, tornando válido o seu sistema interpretativo, suas crenças religiosas e políticas, sua situação financeira, seu ambiente geográfico, pois, como registra Harold Garfinkel (in Coulon, 1995, p. 28): “o ator deixa de ser concebido como se agisse exclusivamente segundo um sistema de normas. Sua relação é igualmente definida pelas relações que estabelece com outrem que constitui seu papel social”.

Se assim é, para um trabalho de investigação dessa envergadura havia a necessidade de uma presença dos pesquisadores na escola, de uma presença discreta, de observação curiosa, permitida de modo solidário, de participação ajuizada, fator que foi tumultuado pela chegada da Pandemia COVID-19. Isso afetou nosso trabalho durante os anos de 2020 e 2021. Por esta fase, as escolas foram obrigadas a interromper suas atividades presenciais. E nós, como curiosos em saber mais sobre o chão e o espírito daquela escola, tivemos de nos contentar com conversas feitas online, algumas conversas foram pessoais, outras com reuniões via *meet*, feitas por celulares ou computadores, reunindo professores, estudantes, corpo diretivo, pais, todos em seu espaço de moradia. Na apreensão em que vivíamos, ficamos surpresos com os resultados colhidos neste tempo atípico da escola. Para nossa surpresa, ouvimos dos que faziam parte da escola de que as atividades de estudos vividas pelos estudantes da escola continuaram sem grandes alterações. Foi-nos informado de que os estudantes da escola já estavam acostumados com a autossuficiência no ato de estudar e que

permaneceram em contato, via celular, com seus tutores e especialistas (nome dado aos professores da escola). Na descrição das atividades desse tempo, os professores disseram que aos alunos eram perguntados quais assuntos eles gostariam de estudar; quais seriam as razões pelas quais eles gostariam de saber sobre tais assuntos; qual o modo pelos quais eles deveriam prosseguir na feitura das pesquisas em resposta às curiosidades apontadas; onde pesquisar e de que maneira isso poderia acontecer; quanto tempo seria necessário para cada atividade. E assim se fazia planos para 15 dias, com prestações de contas semanais e diárias dos rendimentos obtidos nos estudos feitos. Ainda nesse processo, se interligava os temas em estudos com as habilidades cobradas pela Base Nacional Comum Curricular: como os assuntos em estudos se inter-relacionariam com habilidades previstas na BNCC? Uma consciência da relação dos assuntos da vida com as elegidas como saber escolar, como assunto dialogado. Também se perguntava de que forma seria o desfecho de cada assunto analisado, como ele deveria ser apresentado e conhecido pelos demais da escola. Com essas questões o professor, em conjunto com o estudante, traçava uma trilha de atividades de estudos. Quando houvesse dificuldades o estudante poderia recorrer a um colega que o pudesse ajudar a superar a dificuldade encontrada ou, se necessário, recorrer a um especialista no assunto (professor), que deveria ajudá-lo a superar a dificuldade para que o estudo em tela não sofresse prejuízos. E seguimos perguntando, e ouvindo relatos do como a escola estava enfrentando a distância física dos estudantes envolvidos com o ato pedagógico de ensino-aprendizagem praticado na Escola dos Sonhos.

Passado o tempo mais radical da Pandemia COVID-19, passamos a frequentar a escola no local onde ela está instalada. Desta vez, com as devidas proteções à época exigidas: uso de máscaras, manter distância física de um metro e meio, uso de álcool 70, etc. Estando lá, continuamos a nos surpreender com a realidade de Escola dos Sonhos. Como devedores que já éramos para com a gentileza da escola pelo fato de nos receber, em se deixar ser vista por nós, em responder nossas indagações, resolvemos oferecer uma oficina de produção de brinquedos na escola. Fizemos isso através do projeto PROBEX/UFPB: “A Escola dos Sonhos: Oficinas de Produção de Brinquedos, Uma Ciranda Entre Educadores e Educandos”. Um projeto de extensão universitária que tinha como objetivo a construção de brinquedos com as crianças da escola. Enquanto as oficinas ocorriam, agora nós como observadores participantes, continuamos a conhecer o cotidiano da escola. Por este tempo, presenciamos reuniões da escola com os pais dos alunos lá presentes. Vimos que eles opinam diretamente sobre cada ação realizada na escola. Além disso, cuidam da sustentação física consertando objetos ou participando na construção de espaços físicos relacionado à construção de um novo

prédio onde a escola futuramente será instalada. Aí sim, o lugar real da Escola Dos Sonhos. Lugar que foi desenhado pelas crianças, pais, professores, em papéis que foram reunidos e entre as propostas foram escolhidas as melhores, resultando no desenho do como a escola ficará. Isso pensado no ano de 2018. A construção da nova escola está sendo feita ao lado do prédio hoje pertencente às Irmãs Carmelitas, onde acontece a Escola Nossa Senhora do Carmo – Bananeiras (PB) que, como ensaio da escola em construção já é chamada de: “Escola Dos Nossos Sonhos”. A escola, aqui em foco, não é pública nem privada, é uma escola comunitária, que sobrevive de convênios não perenes e de doações aleatórias, com professores que já passaram oito meses sem receber salários. Também, nessas reuniões, os pais elogiam, criticam e propõem ações, na intenção de desenhar o cotidiano e a alma dessa escola. Discutem desde a limpeza até a qualidade da alimentação que é dada na escola a seus filhos. De fato, eles se fazem presentes na visão e nas sugestões do como deve a escola se portar. Da mesma forma, presenciamos assembleias feitas com os estudantes, discutindo as mesmas questões oferecidas a seus pais: o que merece elogio? O que critico? O que proponho? Assembleias como ação de todas as semanas. Também, acompanhamos a prestação de contas dos estudos feitos pelos estudantes, das coisas que conseguiram aprender, das que ainda precisam de mais tempo, como ciência das tarefas que devem cumprir no dia-a-dia da escola. Tudo feito com muita leveza. Um cotidiano que nos fez lembrar a Escola Da Ponte, uma escola da rede pública estatal de Portugal, localizada em Vila das Aves, descrita por Pacheco (2008); Silva e Pacheco (2011); e por Alves (2001). Mas a Escola dos Sonhos é da cidade de Bananeiras (PB), que tem convênios aqui e ali com o município ou com o Estado, mas temporários e com o enfrentamento de alguns conflitos. É uma escola comunitária, atende a comunidades rurais, e se inspira em diversas referências teóricas, quase sempre em autores que pregam a liberdade na escola, tal qual fez o educador escocês Alexander Neill (1883-1973), mas também uma escola que encara a ato de estudar como um trabalho, assim como fez o educador francês Célestin Freinet (1896-1966). Uma escola que vive numa realidade de sustentação financeira de difícil equilíbrio, que entre as crianças é tida como de sucesso, uma escola única.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tínhamos o desejo de saber em quais teorias a ação pedagógica da Escola Nossa Senhora do Carmo (Bananeiras – PB), conhecida como a “Escola dos Sonhos”, se baseava. Como lastro para nossas conversas com o quadro docente que lá atua, enveredamo-

nos a estudar sobre as primeiras experiências do que no Brasil, ainda nos anos de 1930, chamou-se de escola nova. Mas tal estudo mostrou-se insuficiente. Decidimo-nos a ir mais distante, retomamos as ideias de Jean-Jacques Rousseau (1718-1778) que instalou o discurso que retirou o adulto e em seu lugar deu espaços para que a criança estivesse no centro da educação. Ele, em meio ao triunfo da razão, em tempos iluministas, afirma a liberdade como valor supremo. E, em 1762, já avisava: “Não se conhece a infância; no caminho das falsas ideias que se tem, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem” (ROUSSEAU, 1999, p. 4). A ocasião na qual a pedagogia proposta por Rousseau deu-se num tempo onde já havia as influências do Iluminismo, que dominou o século XVIII, da razão como faculdade positiva e crítica, da consolidação da economia de mercado, de estudos de Rousseau sobre direitos políticos. O pensamento educativo em favor das crianças por ele lançada dá início a uma nova vertente pedagógica, anos depois chamada de Escola Nova. Participaram dessa vertente, com interpretações diferentes, Ovide Decroly (1871-1932), que defendia a necessidade de se trabalhar na escola com métodos ativos, com a possibilidade de o aluno conduzir o próprio aprendizado, e fazê-lo através de centros de interesse, a partir de métodos globais de conhecimento, rumo ao hoje apresentado por Santomé (1998) e por Zabala (2002). Há ainda em Decroly o cuidado em trabalhar com elementos reais, do dia-a-dia, tendo por objetivo trabalhar três habilidades: a observação, a associação, a expressão. Essa última manifestada em várias formas de linguagens: a escrita, a palavra, o corpo, o desenho, a construção, a arte. Suas escolas funcionavam como oficinas, nas quais os alunos decidiam o que queriam aprender: os centros de interesse. Também, indo por outra forma de constituir essa nova escola, destacou-se Edouard Claparède (1873-1940) que levava em conta os processos mentais e a evolução das crianças, no intuito de levá-las ao interesse ativo pelo conhecimento. Base essa que está presente nas escolas construtivistas, defendidas, entre outros, por Ferreiro (1992; 2007), Teberosky (2001), Zabala (1998). Indo para uma visão marxista popular, a de transformar a escola por dentro, como uma escola do povo, onde a cooperação é parte da educação escolar, com aulas-passeio, mas sem abandonar a relação dialética entre teoria e prática, ou ação e pensamento, destacou-se Célestin Freinet (1896-1966), numa escola que não seguia manuais, mas feita de cooperação, na compreensão de que estudar é um trabalho, a educação do trabalho, como ele mesmo diz: abrir a escola para a vida (FREINET, 1998). Também, uma escola que se relaciona com o meio-ambiente, onde o ensino é processo social, e onde a educação é um processo construtivista, como reforçado

pelos teorias de Vigotski (1896-1934). E ainda, uma escola que envolve a todos os que dela fazem parte na construção e vivência do seu projeto pedagógico, que busca desenvolver autonomia, como parte indispensável da prática educativa, de pessoas que digam sobre a escola que querem ter e que se movam em direção a isso, como pregado por Paulo Freire (1921-1997). O caminho de se compreender e o de melhor olhar, e o de se explicar as iniciativas pedagógicas da Escola dos Sonhos não pode estar somente vinculados a influências passadas, precisam perceber os relevos e os desafios do agora, tendo-se presente as reflexões de Delors (2001) sobre a educação para o século XXI; o alcance das utopias na era da incerteza, na incerteza de se educar em tempos líquidos, como alerta Bauman (2007), mas sempre acreditando, pois como assegura a canção de Gilberto Gil (1980), “a fé não costuma falhar”!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parece fácil a condução das atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem dos alunos da Escola dos Sonhos, mas de fato, não é. Os professores que lá chegam não foram preparados durante seus cursos universitários a agirem em uma escola que tenha a premissa de levar aos alunos a se especializarem na escolha de assuntos que gostariam de estudar, na justificativa das razões pelas quais tal estudo se faz necessário, na definição dos objetivos a serem alcançados, na estruturação dos caminhos metodológicos em função dos objetivos almejados, na previsão do tempo necessário, na estruturação da apresentação dos resultados. Em outras palavras, nos cursos universitários de formação de professores palestra-se muito contra as aulas ou escolas tradicionais, tudo dito de modo expositivo, reafirmando-se, na prática, o tradicionalismo escolar. De fato, entre os conteúdos da formação de professores, estuda-se sobre as várias tendências pedagógicas, mas como um assunto qualquer, que também cai na “prova”. Estuda-se para passar! Quando há seminários conduzidos pelos alunos, como trabalho de grupo, as apresentações dos resultados destes são feitos de modo separado. Cada aluno apresenta sua parte, sem sequer ler bem a parte do outro. E a tarefa já se dá por cumprida. A escola segue sendo uma réplica da indústria fordista. Muitos educadores já se insurgiram contra esse modelo de escola. Mas boa parte desses o faz no mercado próprio à pós-graduação. Pouco se age nas escolas do ensino fundamental ou médio, lugar privilegiado para a implantação de uma escola menos paralisante. De modo geral, quase não há quem abertamente enfrente a esta tradição de se formar professores tradicionais em escolas que cospem o prato que servem, ou seja, “faça o que eu digo nunca o que faço”. Ainda que

em termos de narrativa os professores se portem contrários às escolas tradicionais. E mais, as escolas são conservadoras. Saviani já alertou sobre isso, segundo ele, “a educação é entendida como inteiramente dependente da estrutura social geradora de marginalidade, cumprindo aí a função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização” (SAVIANI, 1987, p. 8). Em outras palavras, a prática de se ter um aluno pesquisador é negada desde os primeiros anos da escola, até o ensino médio. Criam-se pela lógica da escola básica pessoas que vão se apagando em sua curiosidade, transformadas em passivas, que concebem a escola como lugar para “se passar de ano”. A escola, nesse modelo fordista e disciplinar, torna-se um lugar paralelo à vida, com matérias escolares que se mantem distantes entre si, sem muita ligação com o que de fato interessa. Para alguns alunos a escola é um lugar sem sentido, estudam por uma obrigação. Ainda assim, alguns educadores se atreveram a tentar outro caminho para a escola básica. John Dewey (1859-1952) pregou a escola como lugar de democracia e educação, onde o aluno era treinado a estudar via metodologia de projetos. Paulo Freire (1921-1997) a tinha como lugar de emancipação de opressões, às vezes vividas na própria escola. Fez isso desde o processo de alfabetização. E era contra a escola tradicional. Ambos faziam isso pela via metodológica.

A escola dos Sonhos, por já se querer sem paredes, na qual os alunos estudam aonde bem quiserem, desde que sigam a trilha de estudos traçada, sobre temas diversos atendendo a curiosidades do estudante, mas sempre ação dialogada com o professor. E com autonomia, autonomia que não significa independência, a aprendizagem se faz por um caminho colaborativo. Ritual onde os livros didáticos ajudam, mas como um elo apenas, há muitas outras portas de informações a serem visitadas. Um ritual livre de se aprender. Liberdade que se mostra desde o primeiro momento onde já se pergunta para a criança o que ela quer aprender; como ela quer aprender, por quais caminhos; etc., caminho que leva o aluno a aprender fazer um projeto de estudos e a executá-lo. Uma escola que não segue a separação de pessoas por anos ou séries, nem por professores vinculados a uma determinada sala, onde os alunos podem se ajudar, podem pedir ajudas, uma escola colaborativa. Uma escola que precisa sim da colaboração das Universidades, que precisam preparar docentes aptos a estimularem a autonomia dos alunos, abandonando ser aquele “aplicador” de livros. Uma escola que faz e que precisa manter a formação da docência em serviço, formação que não dispensa informações teóricas, mas que observa as decisões cotidianas como sendo o termômetro de avaliações e planejamentos. Uma escola que nem precisa ter salas de aulas, já que as salas de aula podem se estabelecer em qualquer lugar. Uma escola que se reinventa a cada dia.

Enquanto estivemos nas atividades das oficinas de produção de brinquedos artesanais, conduzido por bolsistas e professores da Universidade Federal da Paraíba, para não ferir o jeito metodológico de ser da escola, seguimos uma lógica de trabalho amoroso, baseada nos princípios apontados pelo educador Paulo Freire (1921-1997), um trabalho feito com a participação de todos, na escolha do brinquedo a ser produzido na oficina seguinte, em ações onde todos se dão as mãos, se ajudam mutuamente, trocam experiências, como uma dança, em círculo, como uma ciranda, uma dança típica do Nordeste brasileiro. Daí, a “pedagogia cirandeira”, conduzida pelo graduando de Pedagogia e artesão Francisco Ribeiro Viana ou, como diziam as crianças, Mestre Chico. Uma experiência vivida com muita alegria, a nossa e a estampada no rosto das crianças. Experiência que resolvemos filmar, captando as ações, as opiniões, as explicações das pessoas sobre seus atos, uma forma de se ter registrada as vozes da Escola dos Sonhos. Registro que virou documentário: *As Vozes da Escola dos Sonhos* (22 minutos), dirigido por José Ramos e Mercicleide Ramos. Documentário que é sempre incompleto, porque a Escola dos Sonhos está sempre se reinventando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa imersão na Escola dos sonhos, instruídos pelos critérios da etnometodologia, ao final, mostrou-se efetiva. Podemos investigar, sem interferir no *modus operandi* da escola, as ações de planejamento e as práticas cotidianas vivenciadas na escola, onde não existem classes divididas por anos ou séries e os alunos se organizam em grupos de estudos, tornam-se pesquisadores, aprendem a aprender, se ajudam mutuamente, e só recorrem aos professores quando lhes ocorrem dúvidas. Um estudo interessante aos que vivem interessados em desvendar a Didática, em suas múltiplas veredas. Didática que é descrita por Libâneo (1992) como uma matéria síntese de várias áreas que estudam aspectos da prática educativa escolar, um espaço que não está restrito às salas de aulas, é a teoria do ensino que investiga a doutrina e a prática visando o alcance dos objetivos que indicam a escolha dos conteúdos, os meios e as condições dos processos de ensino, sendo assim uma disciplina pedagógica de uma educação planejada intencionalmente. A Escola Nossa Senhora do Carmo, uma escola comunitária, na qual as decisões fundamentais da escola são frutos de diálogos que envolvem pais, mães, tios, professores, alunos, funcionários, desde as de ordem pedagógicas até as ligadas à sobrevivência da escola. Estudo que serve para instrumentalizar ensinamentos que tragam novos olhares para a prática educativa na escola, como ação que alimenta o inventário de correntes pedagógicas que indicam outras formas do ensino-aprendizagem, que anuncia outra

forma de se ser docente, tudo direcionado a rumos que não necessitem de hierarquias entre professor, aluno, direção. Tudo a favor de indivíduos livres e criativos, demonstrando que na escola as crianças aprendem com o corpo, com as emoções, com o que fazem e não apenas com a cabeça. Uma provocação às outras escolas que insistem no conservadorismo, em aulas tradicionais ou bancárias, de pessoas travadas, onde as aprendizagens são medidas por “notas”, sem se reparar as aprendizagens que de fato acontecem, às vezes em direções contrárias aos enunciados da escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 8 ed. Campinas (SP): Papirus, 2001.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação Para o Século XXI**. São Paulo: Cortez/Brasília (DF): MEC/UNESCO, 2001.
- FERREIRO, E. **Alfabetización de niños y adultos: textos escogidos**. México: Pátzcuaro/Michoacán, 2007.
- FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREINET, C. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fonte, 1998.
- GIL, G. **Um Banda Um: Andar com fé**. São Paulo: BMG Ariola Discos LTDA. 1980.
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.
- MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília (DF): Liber Livro, 2006.
- PACHECO, R. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 2 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.
- ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 18 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.
- SILVA, A. V. M.; PACHECO, J. **Escola da Ponte: Vila das Aves – Portugal: um espaço de múltiplas interações, cooperação e partilha**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.